

MULTIMODALIDADE, TEXTO E CONTEXTO: CATEGORIAS ÚTEIS À ANÁLISE DA CHARGE

Graziela Frainer Knoll*

Resumo: Nos meios de comunicação, o extenso uso da linguagem visual destaca a importância da compreensão dos aspectos multimodais dos textos. O objetivo deste trabalho é analisar a verbo-visualidade de uma *charge*, a fim de verificar quais categorias são úteis à compreensão desse gênero textual. Empregamos os seguintes conceitos: contexto de cultura e contexto de situação, segundo Halliday (1989); textualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1981); multimodalidade, saliência, processos narrativos e processos conceituais, segundo Kress e van Leeuwen (1996). Como um gênero textual multimodal, a *charge* é um texto que contém um ponto de vista social ou político cuja significação se apoia na verbo-visualidade. A análise demonstra como cada aspecto coopera na construção de uma paisagem semiótica que abrange o potencial crítico do texto.

Palavras-chave: Multimodalidade. Letramento visual. Texto. Contexto. *Charge*.

Abstract: In the media, the large use of visual language highlights the importance of understanding the multimodal aspects of texts. The objective of this study is to analyse the verbal visuality of an editorial cartoon, in order to verify which categories are useful to comprehend that genre. We use the following concepts: context of culture and context of situation, according to Halliday (1989); textuality, according to Beaugrande and Dressler (1981); multimodality, salience, narrative processes and conceptual processes, according to Kress and van Leeuwen (1996). As a multimodal genre, an editorial cartoon is a text that contains some social or political point of view whose meaning is based on the verbal visuality. The analysis shows how each aspect cooperates in building a semiotic landscape that embodies the critical potential of the text.

Keywords: Multimodality. Visual literacy. Text. Context. Editorial cartoons.

Introdução

Nos meios de comunicação, o extenso uso de imagens enfatiza a importância de compreendermos como atuam os aspectos multimodais na construção dos sentidos no texto. A multimodalidade, característica dos textos que abarcam dois ou mais códigos sógnicos, por exemplo, palavras e imagens, requer um enfoque que abranja a linguagem visual (KRESS; van LEEUWEN, 1996).

* Doutora em Letras, Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Colaboradora Pós-Doc no Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter – Laureate International Universities), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista PNP/DCAPES. E-mail: grazi_ead@yahoo.com.br.

No âmbito escolar, Kleiman (2004) considera que o texto é habitualmente tratado como mero depósito de mensagens ou como um conjunto de elementos gramaticais. Essa visão inicia na escola e é estendida a outros contextos e práticas sociais, o que gera produtores e leitores que não compreendem as particularidades de cada gênero textual, não dão atenção ou cuidado às escolhas das linguagens ou, até mesmo, não visualizam a relação de dupla via entre o texto (tecido discursivo) e o contexto social.

A interpretação de um texto multimodal é um processo complexo, uma vez que abrange diferentes modos de significação e uma multiplicidade de aspectos que compõem um universo sociocultural. Por isso, há a relevância de estudos que contribuam para que o leitor seja capaz de compreender e de interagir em diferentes linguagens e contextos.

O objetivo central deste trabalho é analisar a verbo-visualidade de uma *charge*, a fim de verificar quais categorias se mostram úteis à compreensão desse gênero textual. Para tanto, são empregados os seguintes conceitos: contextos da cultura e da situação, segundo Halliday (1989); textualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1981); multimodalidade, saliência, processos narrativos e processos conceituais, segundo Kress e van Leeuwen (1996).

Em relação a pesquisas anteriores sobre o tema, a *Gramática do Design Visual* tem sido uma referência utilizada na análise de textos publicitários, a exemplo de Peterman (2006) e Segatto e Knoll (2013). Também Ferraz (2009) demonstrou a utilidade dos parâmetros de multimodalidade ao aplicá-los à análise de *cartuns*. Já Teixeira e Angelo (2010) realizaram uma proposta didática sobre o uso do gênero *charge* no letramento escolar.

A partir do momento em que o texto é compreendido não só como produto material, mas como acontecimento cuja existência depende da realidade da interação social, as múltiplas linguagens não só representam, mas constroem o mundo em significado.

Multimodalidade e letramento visual

As representações visuais têm feito parte do aparato comunicacional humano desde os primórdios, a julgar pelas inscrições pictóricas em cavernas e pelo fato de que, antes mesmo de começarmos a ler e a escrever, passamos a desenhar ou rabiscar quando crianças (DONDIS, 1997). Entretanto, ainda que pareça uma capacidade natural, existe certa dificuldade na interpretação de imagens, o que justifica a necessidade do letramento visual.

A leitura é uma atividade historicamente situada, ou seja, a depender da finalidade da leitura, do gênero de texto, dos sujeitos leitores e do meio sociocultural circundante, serão

mobilizadas diferentes estratégias e sistemas de conhecimento. Conforme pondera Lima (2007, p. 123), “cada instituição e situação faz circular gêneros e atitudes de leitura próprios”.

O letramento é definido por Soares (2010, p. 145) como “o estado ou a condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento”. Fischer (2008) conceitua o letramento como a fluência em maneiras particulares de pensar, agir, fazer, ler e escrever em relação a contextos sociais específicos. Isso implica o desenvolvimento de habilidades de interação que contemplem as finalidades próprias de determinado domínio discursivo.

Na esfera dos meios de comunicação, há uma profusão de discursos e textos que requerem novas habilidades de leitura e escrita, uma vez que o surgimento de novas mídias tem ocasionado novas textualidades e, com elas, diferentes maneiras de respondermos e agirmos por meio dos textos. Para Dondis (1997, p. 2), por ser a linguagem “um recurso de comunicação próprio do homem que evoluiu desde sua forma auditiva, pura e primitiva, até a capacidade de ler e escrever”, o leitor também precisa evoluir e tornar-se visualmente letrado. O letramento visual, segundo a autora, envolve o olhar sobre o texto constituído por elementos verbais e não verbais, tais como: perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar.

Ao encontro dessa perspectiva, Kress e van Leeuwen (1996) propõem um ferramental teórico-analítico da multimodalidade, a *Gramática do Design Visual*, a partir do princípio de que as estruturas visuais constroem significados tanto quanto as estruturas linguísticas, porém de forma distinta. Apesar de fazerem um intercâmbio entre teorias semióticas e a Linguística Sistêmico-Funcional, os autores explicam que não se trata da simples incorporação de teorias linguísticas ao campo imagético, pois as estruturas verbais e as visuais realizam sistemas de significação fundamentais à nossa cultura, mas cada uma a seu próprio modo (KRESS; van LEEUWEN, 1996, p.17). A saliência, por exemplo, é o fator que determina os pontos de atração do olhar do espectador na imagem. Os elementos mais salientes geralmente destacam-se conforme o tipo de imagem, o tamanho, as cores, o ângulo ou a perspectiva com que foram esboçados. Assim, um elemento posicionado no centro da página é denominado elemento central, enquanto que situados nas bordas ou nos cantos da imagem estão os elementos marginais.

Outro aspecto fundamental para a leitura dos textos multimodais são as cores, fatores que interagem com o aparelho ótico humano e despertam funções cognitivas no cérebro, ao

mesmo tempo em que carregam informações culturais, uma vez que se associam a crenças, usos, mitos, ritos, etc. Por essa razão, consideramos que as cores possuem “significados associativos e simbólicos” (DONDIS, 1997, p. 64-65).

A classificação das imagens quanto aos processos que realizam é outra categoria analítica. Para Kress e van Leeuwen (1996, p. 43-44), as representações dividem-se em dois grupos fundamentais: as representações narrativas e as representações conceituais. A representação narrativa descreve os participantes em movimento, durante uma ação ou em eventos de transformação, já a representação conceitual descreve os participantes de maneira estática, o que representa modos de ser e estados. Os processos narrativos e os processos conceituais podem ser verificados da seguinte forma (Quadro 1):

Processos narrativos	
Processos de ação (a partir dos vetores)	
	Processo de ação transacional
	Processo de ação não-transacional
Processos reacionais (a partir da linha do olhar do representado)	
	Processo reacional transacional
	Processo reacional não-transacional
Processos conceituais	
Processo conceitual classificatório	
Processo conceitual analítico	
Processo conceitual simbólico	
	Processo conceitual simbólico atributivo
	Processo conceitual simbólico sugestivo

Quadro 1. Processos narrativos e conceituais.

Nessa perspectiva teórico-analítica, os vetores são linhas oblíquas que esboçam uma ação, conectando um participante (ator) a outro (meta). No processo de ação, o ator pode se configurar em uma proposição narrativa visual transacional (quando há meta visível na imagem) ou não transacional (quando não há meta visível na imagem).

Já os processos conceituais não são definidos por vetores, mas por mecanismos de classificação, estruturação ou simbolização (KRESS; van LEEUWEN, 1996, p. 79). Assim, os processos conceituais podem ser: classificatórios (quando organizam elementos visuais em grupos, classes ou taxonomias), analíticos (quando representam os participantes em uma estrutura parte-todo, isto é, detalhando partes da imagem) ou simbólicos (quando descrevem o que o participante significa). Dentre os processos conceituais simbólicos, há ainda os simbólicos atributivos (em que há um elemento simbólico que transfere significado aos outros elementos) e os simbólicos sugestivos (em que o significado é atribuído não por um elemento simbólico, mas pelas cores e saturações da imagem, por exemplo).

Essas são estruturas visuais que, quando articuladas com as estruturas verbais, atuam na composição do texto multimodal. Portanto, a combinação de todos os elementos e códigos, bem como as relações que os elementos estabelecem entre si (complementaridade ou contrariedade, por exemplo) são fatores geradores de sentido, principalmente ao considerarmos que cada texto opera em um contexto determinado. Texto e contexto são noções tratadas na sequência.

Texto e contexto

Em relação ao conceito de texto, Bakhtin (2010, p. 307) o define como um conjunto coerente de signos, a unidade de manifestação do enunciado. Ainda no paradigma dialógico, Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 9) explicam que fazem parte de um texto “outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe”. Em outras palavras, o texto é como um intertexto que se relaciona dialogicamente com outras produções.

O texto aparece tal como Bakhtin o entende: tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se complementam ou respondem umas às outras. Afirma-se o primado do intertextual sobre o textual: a intertextualidade não é mais uma dimensão derivada, mas, ao contrário, a dimensão primeira de que o texto deriva (BARROS, 2003, p. 4).

Segundo Koch (1997), o texto é um ato de comunicação unificado que integra o complexo universo das ações humanas e está inserido em atividades interativas de produção e compreensão. Dessa forma, os sentidos são construídos não na materialidade, mas na interação. Esse processo depende tanto da organização dos elementos textuais na superfície do texto, quanto da “mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo”, o que significa que o texto não é um artefato dado, mas construído (KOCH, 1997, p. 17).

Por esse prisma, o texto não tem uma existência exterior às condições de produção e recepção, pois é visto como uma atividade global de comunicação que se organiza de diferentes modos. Sendo assim, o texto serve para designar “toda e qualquer manifestação de capacidade textual do ser humano, [...] qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos” (FÁVERO; KOCH, 1994, p. 25).

O que define um texto e o diferencia de um aglomerado de frases é um conjunto de características denominado textualidade (COSTA VAL, 1991). Beaugrande e Dressler (1981) elencam como critérios de textualidade fatores de ordem linguística e extralinguística:

- Fatores linguísticos (formais), que concernem às relações sintático-semânticas no nível textual - a coerência, a coesão e a intertextualidade;
- Fatores extralinguísticos (pragmáticos), que concernem aos elementos que circundam o texto, como o produtor, o leitor e a situação - a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade e a situacionalidade.

No primeiro grupo, a coerência é responsável pelo sentido do texto, envolve fatores lógico-semânticos e cognitivos, além de depender do conhecimento de mundo compartilhado pelos participantes da interação. A coesão é composta por mecanismos lexicais e gramaticais de construção e diz respeito às relações lógico-semânticas expressas na superfície textual, ou seja, no modo de organização do texto. E a intertextualidade compreende as relações dialógicas com outros textos, haja vista que um texto se constrói nas relações com o “já dito”.

No segundo grupo, a intencionalidade consiste na intenção ou no propósito comunicativo de quem elabora o texto. A aceitabilidade diz respeito ao contrato de cooperação estabelecido entre os interlocutores, que se manifesta na construção de um texto que atenda às expectativas comunicacionais do leitor. Já a informatividade corresponde ao grau mínimo ou mediano de informação que todo texto deve ter para suscitar o interesse do leitor. Por fim, a situacionalidade consiste na maneira como o texto se adequa ao contexto comunicacional (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981).

Na perspectiva de Halliday (1998), o texto compreende produto e processo, e a linguagem é vista por um viés sociosemiótico, nunca restrito às estruturas linguísticas, mas integrado às condições sociais de produção de significados em que texto e contexto se inter-relacionam. As linguagens são assim consideradas sistemas de significação que integram um contexto de cultura, e os significados são criados a partir de escolhas motivadas socialmente.

Texto e contexto são aspectos do mesmo processo: o texto é a “instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto da situação” (HALLIDAY, 1989, p. 10). Por essa razão, o autor considera que todo texto possui uma configuração contextual que possibilita aos interlocutores o reconhecimento das condições em que o texto foi produzido (campo), as relações que se estabelecem entre os interlocutores (relações) e as estratégias linguísticas utilizadas na produção da linguagem (modo). “O contexto de situação está contido no texto através de uma relação sistemática entre o contexto

social de um lado e a organização funcional da linguagem de outro lado” (BARBISAN, 1995, p. 54). Assim, o texto é um acontecimento interativo e uma instância de significado que tem relação com determinado contexto de situação.

Em suma, o contexto de situação é o cenário imediato da interação, constituído pelas variáveis: campo, relações e modo. Já o contexto de cultura é mais amplo, pois envolve o conjunto compartilhado de contextos de situação, formado por significados compartilhados, ou seja, é onde se encontram as generalizações a respeito da interação e do gênero textual realizado. O gênero textual e as especificidades do gênero *charge* serão abordados no próximo tópico.

O gênero textual *charge*

Gêneros e práticas se constituem mutuamente. Isso significa que, assim como os gêneros determinam os discursos ou as práticas sociais, os discursos determinam os gêneros. Cada esfera de uso da linguagem possui seu repertório de gêneros discursivos, que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 262), ou seja, tipificações no uso da linguagem que são essenciais à comunicação. Nesse sentido, o enunciado está relacionado às condições específicas e às finalidades de cada campo, o que se reflete não só no seu conteúdo e nos recursos formais (lexicais, fraseológicos, gramaticais) que constituem o estilo, mas também na sua construção composicional.

A língua está à disposição de uma coletividade. Porém, o que o sujeito faz a partir desse dado, o modo como ele manuseia esse código é uma escolha, em certo grau, única. Assim, no plano da expressividade, são consideradas as ações do sujeito sobre a língua, escolhas que têm como base a intenção discursiva. A partir do projeto comunicativo e das possibilidades oferecidas pelo código linguístico, realizamos nossas escolhas iniciais (por meio de recursos linguísticos a serem empregados e gênero discursivo a ser constituído) com vistas ao objeto do sentido que caracteriza o enunciado pretendido. As escolhas subsequentes (referentes ao estilo e à composição) são determinadas pelo que Bakhtin (2010) chama de *necessidade de expressividade*, a conter os juízos de valores que o sujeito realiza. Essas escolhas não são arbitrárias, porque o horizonte social, o auditório, as estruturas sociais e o próprio projeto discursivo intervêm.

Com base no propósito comunicativo e na maneira como o enunciado é organizado, somado aos fatores situacionais, sociais e culturais, é engendrado um ou outro gênero, uma

vez que, segundo Bakhtin (2010, p. 266), “uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo geram determinados gêneros”.

Portanto, os gêneros são cultural e historicamente constituídos, ou seja, não podem ser pensados fora da noção de contexto. Somente é compreendido como um gênero textual ou discursivo aquilo que os sujeitos reconhecem como tal em determinado contexto sócio-histórico, pois eles são apreendidos na realidade social da interação.

Bazerman (2005) define os gêneros textuais como fatos (acontecimentos) sociais reconhecíveis, uma vez que baseados em recorrências (quanto à forma e, principalmente, à função) que organizam atividades e pessoas. Nas palavras do linguista norte-americano, os gêneros “emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos” (BAZERMAN, 2005, p. 31). Assim, eles tipificam muito além da forma textual, pois englobam o modo como configuramos as práticas sociais.

Conforme salienta Ferraz (2009, p. 73), “a mídia impressa é muito heterogênea do ponto de vista dos gêneros discursivos e dos recursos humorísticos”. Essa diversidade de gêneros compreende, por exemplo, cartuns, tiras, histórias em quadrinhos, caricaturas e *charges*. Tais gêneros textuais são frequentemente confundidos, uma vez que compartilham alguns aspectos, como o tom humorístico, a verbo-visualidade e o traço caricaturesco.

Em relação ao humor, Possenti (1998) considera os textos humorísticos infinitamente profícuos do ponto de vista da produção de sentidos e da veiculação de discursos socialmente controversos. Para o autor, o humor acontece quando o locutor tem em vista produzir determinado sentido e, conforme a diversidade da potencialidade semântica, o sentido interpretado é outro.

O humor tende a desencadear o riso como reação humana involuntária e não verbal. Apesar de ser um tema que interessa aos estudos da filosofia, da psicologia, da psicanálise e da fisiologia, Possenti (2000) considera que importa ao linguista compreender como o riso é linguisticamente provocado e não os motivos inconscientes subjacentes a ele, haja vista que o riso surge em uma situação enunciativa.

Uma das formas encontradas na expressão do humor é a ironia. Segundo Brait (1996), a ironia não está restrita a um gênero discursivo específico, pelo contrário, pode ser detectada nos mais diversos textos, tanto naqueles tradicionalmente humorísticos, como as anedotas, piadas e caricaturas, quanto nos mais sérios ou formais, como as páginas de um jornal.

Para que funcione como recurso de linguagem, é necessário que a ironia seja percebida e interpretada pelo leitor: “a ironia não é ironia até que seja interpretada como tal – pelo menos por quem teve a intenção de fazer ironia, senão pelo destinatário em mira. Alguém atribui à ironia; alguém faz a ironia ‘acontecer’” (HUTCHEON, 2000, p. 22). De tal modo, não se trata de uma figura retórica estática, mas que emerge “nas relações entre significados e também entre pessoas e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações” (HUTCHEON, 2000, p. 30).

Na concepção de Brait (1996, p. 34), “a *charge* se expressa pela ironia, cuja prática humorística se esteia na crítica política. No humor caricatural habita o riso e a violência. O riso está na ambiguidade propositalmente contraditória entre o que é dito e o sentido que se quer passar”. Assim, a *charge* é um gênero textual cujo propósito comunicativo é satirizar um fato da atualidade, adicionando tom humorístico e crítica social ou política.

Trata-se de um “cartum cujo objetivo é a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política. O conhecimento prévio por parte do leitor do assunto de uma *charge* é, quase sempre, fator essencial para sua compreensão” (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 126). As categorias empregadas na análise desse gênero textual são explicitadas a seguir.

Aspectos metodológicos

A seleção do exemplar a ser analisado seguiu os seguintes critérios: a) que fosse um texto do gênero *charge*; b) que contivesse, além de imagens, texto verbal; c) que tivesse sido publicado em jornal *online*; d) que tivesse sido publicado nos últimos seis meses. Dessa forma, optamos por fazer a análise da tira intitulada “Seca em São Paulo”, publicada em 28 de outubro de 2014, no *Jornal de Brasília* (<http://www.jornaldebrasil.com.br/charges/229/falta-de-agua-em-sao-paulo/>).

A partir da perspectiva da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (1996) e da Semiótica Social de Halliday (1998), são relevantes para a análise tanto o texto, quanto o contexto. Interessa ao presente estudo verificar quais categorias mostram-se úteis para a análise de um exemplar do gênero textual *charge*, a fim de verificarmos como a verbo-visualidade atua na construção dos sentidos no texto.

Com isso em perspectiva, foram definidas as categorias de análise já discutidas nas seções anteriores:

- Contexto – a partir dos conceitos de contexto de cultura e contexto de situação (campo, relações e modo) de Halliday (1989);
- Critérios de textualidade – intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, coesão, coerência e intertextualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1981);
- Multimodalidade, saliência, processos narrativos (transacionais e não-transacionais) e processos conceituais – a partir do ferramental elaborado por Kress e van Leeuwen (1996);

Primeiro, foram abordados os contextos da situação e da cultura, para, posteriormente, ser dada sequência à análise textual multimodal.

A charge analisada

A multimodalidade, definida por Kress e van Leeuwen (1996) como a combinação de dois ou mais códigos de linguagem na composição de um texto, é uma abordagem que considera que “cada elemento que constitui uma imagem possui um significado em si, e que juntos produzem o significado que pretendemos transmitir” (PETERMANN, 2006, p. 2). Com isso em perspectiva, nesta etapa, a *charge* (Fig. 1) é analisada como texto multimodal por meio da contemplação dos seguintes aspectos: tema, contexto, texto (critérios de textualidade), estrutura multimodal e potencial crítico, a começar pela abordagem dos aspectos contextuais.



Figura 1. Charge de NEF para o *Jornal de Brasília* (28 out. 2014)¹. Fonte: <http://www.jornaldebrasilia.com.br/charges/229/falta-de-agua-em-sao-paulo/>. Acesso em: 01 nov. 2014.

¹ A charge, devidamente creditada, foi cedida para o presente artigo pelo veículo, *Jornal de Brasília*, para uso exclusivo de análise multimodal.

Quanto à análise contextual, devemos abranger o contexto de cultura e o contexto de situação. O contexto de cultura nos dá a informação de que o gênero textual *charge* corresponde a um texto de curta extensão (geralmente um quadro), desenhado por um chargista, a fim de fazer uma crítica referente a fatos ou assuntos da atualidade, comumente de cunho político ou social. Quando inserido em um jornal, trata-se de um texto dependente da linha editorial da publicação.

O contexto de situação está relacionado ao contexto de cultura e corresponde às variáveis: campo, relações e modo. Por se tratar de uma *charge* veiculada em um jornal *online*, tais variáveis são assim definidas:

- a) Campo – o objetivo (finalidade) da *charge* analisada é satirizar uma situação ou um fato ocorrido no Estado de São Paulo, a saber, a seca vivenciada naquela região;
- b) Relações (participantes da interação) – a *charge* foi desenhada por um chargista que pode ou não ter formação jornalística, cuja autoria é identificada pela sigla *NEF*. De tal forma, o autor é o chargista, o veículo é o *Jornal de Brasília*, e os leitores presumidos são os leitores da edição *online* do jornal;
- c) Modo – o meio é icônico e escrito; o canal é gráfico; o meio de circulação é o jornal *online* intitulado *Jornal de Brasília*, e a linguagem é constitutiva.

Realizadas essas considerações sobre o contexto de situação, prosseguimos com a análise dos aspectos verbo-visuais. A peça selecionada (Fig. 1) é da autoria de *NEF*.² e foi publicada em vinte e oito de outubro deste ano, no *Jornal de Brasília* (<http://www.jornaldebrasil.com.br>), publicação exclusivamente eletrônica disponibilizada pelo *Portal iG*. Apesar de esse jornal ter como eixo central as notícias referentes à cidade de Brasília (DF), sua publicação diária na rede viabiliza o acesso de leitores de qualquer parte do Brasil e do mundo. Assim, em seu conteúdo, são tratadas questões que afetam diferentes partes do país, como o tema da *charge* selecionada, o qual consiste na seca do Estado de São Paulo, fato que recentemente tem atingido aquela região. O tema está explícito no título da *charge*, situado no canto superior direito, onde lemos: “Seca em São Paulo”.

Na imagem, não há representação humana. Entretanto, percebemos vultos humanos no interior da representação de um ônibus, bem como um diálogo entre duas pessoas. As duas pessoas que dialogam correspondem a pai e filho, o que comprovamos por meio do uso dos vocativos, pai e filho, marcas linguísticas presentes em: “Já chegamos, *pai*?” e “Não, *filho*!”

² Identificação utilizada pelo chargista (não há referência a seu nome completo na publicação).

Aqui é São Paulo!”. Como os balões de fala, os quais indicam processos verbais, apontam para o interior da ilustração do ônibus, compreendemos que pai e filho são passageiros do veículo em que consta a palavra “Transnordeste”.

O ônibus está representado em uma posição central, enquanto os outros elementos situam-se nas margens da figura, principalmente na margem superior, e o veículo com a inscrição “transnordeste” é o elemento de maior saliência. Há um processo narrativo de ação não transacional em que o ônibus é o ator, representado em um ângulo de perspectiva, ou seja, desloca-se sobre uma estrada contínua, sem meta representada nos limites da imagem. A meta não está representada, mas é compreendida pela interpretação do texto. Dessa forma, pela complementaridade entre imagem e linguagem verbal, entendemos que o ônibus se desloca de São Paulo para o Nordeste, conduzindo pai e filho, dentre outros passageiros.

Além disso, há um processo conceitual simbólico sugestivo constituído pela paisagem árida do local, em que é visto o traçado de um solo marrom trincado. A cor marrom e o traço trincado atribuem o significado de seca à paisagem representada. Associada à cor marrom, predomina no quadro a cor cinza em diferentes tonalidades: aplicada na estrada, no veículo, nos vultos dentro do veículo e na fumaça que sai do cano de escapamento do ônibus. O cinza e o marrom estão culturalmente associados à poluição, à sujeira e à sobriedade, o que colabora para a caracterização do cenário urbano da *charge* como um ambiente desprovido de cor e de vida.

Como é característica das regiões de seca o solo sem vegetação, animais ou outra forma de vida, o menino fica em dúvida se já chegaram ao Nordeste. O pai esclarece, então, que ainda se encontram em São Paulo. Temos, portanto, dois participantes do gênero masculino que compartilham um vínculo familiar, representados em uma situação de viagem do Sudeste para o Nordeste. A seca de São Paulo é o motivo da confusão expressa pelo menino.

Essa temática subjacente à *charge* tem relação direta com o contexto atualmente vivenciado em São Paulo. Como mencionado anteriormente, o jornal eletrônico em que foi veiculada a peça é uma publicação intitulada *Jornal de Brasília*, mas que, dada a ampla circulação na rede, abrange assuntos de interesse social que concernem aos leitores brasileiros de maneira geral. Sendo assim, há uma relevância social e contemporânea do tema abordado, como é característica desse gênero: “qualquer tentativa de interpretar uma *charge* vai exigir do leitor o estabelecimento de uma relação estrita entre a imagem, o escrito (se houver) e, é claro, o acontecimento atual” (BIDARRA; REIS, 2013, p. 160), uma vez que os assuntos

tratados na *charge* geralmente dialogam com o momento histórico, político, social e cultural de uma comunidade.

A seca em São Paulo coincide com um problema que, historicamente, era tratado como exclusividade do Nordeste brasileiro. Nos últimos meses, porém, esse problema climático tem afetado o Sudeste, especialmente o Estado de São Paulo, devido a fatores como: a falta de chuvas, a seca do maior reservatório natural de água daquela região (Cantareira), a interferência do ser humano no ambiente, os efeitos da urbanização sem o planejamento necessário e o desperdício de água. Os efeitos da seca são percebidos tanto na mudança de costumes dos habitantes, que agora precisam racionar o uso da água, quanto na paisagem, que começa a mudar conforme seca o solo. Isso é evidenciado pela *charge* e especialmente expresso na dúvida do passageiro, que acreditava já ter chegado ao Nordeste devido à aridez da paisagem.

Também podemos interpretar o deslocamento de pai e filho de duas maneiras distintas: como uma simples viagem, ou como uma migração sintomática ocasionada pela seca. Conforme sabemos, é tradicionalmente intenso o movimento migratório de pessoas do Nordeste para o Sudeste, com vistas às condições melhores de vida e à fuga da seca na sua terra de origem. Porém, é representado na *charge* um movimento migratório contrário ao habitual: pai e filho saem do Sudeste e têm como ponto de chegada o Nordeste, o que podemos interpretar como um deslocamento sintomático das dificuldades climáticas vivenciadas em São Paulo neste momento.

A fim de compreender as diferentes leituras levantadas pela *charge*, é necessário que o leitor tenha em perspectiva um conhecimento prévio depreendido da leitura de outros textos jornalísticos referentes ao panorama contextual da seca em São Paulo, recentemente noticiada. Da mesma maneira, essa *charge* poderá servir futuramente como referência ao panorama vivenciado em determinada unidade espaço-temporal, pois o texto representa com humor um momento histórico específico.

Portanto, a *charge* dialoga com outros textos veiculados pelo *Jornal de Brasília*, assim como por outros veículos jornalísticos. O intertexto, referente às notícias da seca em São Paulo, encontra-se explícito no título da *charge* e é acionado como conhecimento prévio, que assim favorece a interpretação textual. Sem recuperar o intertexto, o leitor poderia pensar que o chargista se equivocou ao representar a paisagem do Sudeste como árida ou ao representar o deslocamento de pai e filho no sentido Sudeste-Nordeste. Devido ao conteúdo temático da *charge*, há uma dependência do texto à situacionalidade ou ao contexto de sua produção.

O que faz da *charge* um texto e não apenas um aglomerado de imagens e palavras é a textualidade. Aplicando os critérios de textualidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981) à *charge*, temos:

- a) Intencionalidade – é o modo como o chargista usa a criação verbo-visual para alcançar determinados propósitos comunicativos, os quais, tipicamente na *charge*, consistem em gerar o humor mediante a crítica social e a representação de fatos do contexto contemporâneo;
- b) Aceitabilidade – depende da visão do leitor, que interpretará e aceitará (ou não) o sentido produzido pela *charge*;
- c) Situacionalidade – é vínculo estabelecido entre a representação da *charge* e a situação histórica e social atualmente vivenciada, ou seja, o contexto é um elemento constitutivo da *charge*;
- d) Informatividade – é o grau de previsibilidade da informação contida na *charge*, o que corresponde ao grau mediano no texto analisado, pois as informações contextuais estão explícitas no título e implícitas no restante da cena representada, o que deve ser acionado por meio do intertexto e do conhecimento prévio;
- e) Coesão – é o fator responsável pela tessitura do texto verbal na *charge*, é o que une os segmentos do diálogo estabelecido entre o pai e o filho, compondo uma conversa coesa em que um pergunta e o outro responde;
- f) Coerência – é a coerência entre os conceitos e as relações estabelecidas pelo chargista, o que gera um sentido possível e coerente, isto é, compatível com o conhecimento de mundo do leitor;
- g) Intertextualidade – é a relação dialógica que a *charge* estabelece com outros textos, por exemplo, com as notícias e reportagens sobre a seca em São Paulo.

Com base nos critérios de textualidade, podemos compreender a *charge* como um texto, uma vez que ela é um construto de linguagem verbo-visual produzida com determinada intenção e impregnada por certas informações e por intertextos que cooperam na construção dos sentidos.

A fim de ser estabelecida a textualidade da *charge*, são fundamentais os aspectos visuais e, quando existentes, os aspectos verbais. O componente visual é essencial porque não existe *charge* sem imagem, já o contrário, isto é, *charge* sem o componente verbal, é possível. Entretanto, a peça analisada é multimodal, pois combina representações visuais e linguagem

verbal (escrita) em sua composição. Como esse construto verbo-visual foi veiculado em um jornal *online*, o canal de comunicação é gráfico e digital.

Além disso, as representações visuais compreendem uma cena única que contém as seguintes imagens: um ônibus em movimento, indicado pela fumaça que sai pelo cano do veículo e pelos traços horizontais que imprimem a sensação de deslocamento; uma estrada cinza sobre a qual o ônibus está situado; vultos de cabeças humanas dentro do ônibus, indicando que o veículo encontra-se lotado; e um solo arenoso, marrom e trincado representado em primeiro plano. Já a linguagem verbal está presente no título da *charge*, situado à direita da parte superior do quadro, “Seca em São Paulo”, no rótulo “Transnordeste” na lateral do ônibus (mas no centro da *charge*), bem como no diálogo existente no interior dos três balões de fala ilustrados.

A relação entre as linguagens é de complementaridade, pois a imagem e a linguagem verbal dialogam e se completam mutuamente, união que é essencial para a construção dos sentidos no exemplar analisado. O poder de argumentação da *charge* se sustenta nessa relação multimodal. A ironia pretendida pelo chargista ao representar dois participantes em deslocamento rumo ao Nordeste a fim de saírem do terreno árido e seco de São Paulo não seria alcançada sem a associação do texto verbal com o texto visual.

O desenho não pode ser considerado caricaturesco porque não estão visíveis na imagem participantes humanos ou humanizados. Sabemos que pai e filho são participantes humanos pela leitura do texto verbo-visual em sua totalidade e pela coerência entre o conhecimento de mundo do leitor e a situação representada: um diálogo verbal no interior de um ônibus somente seria possível entre sujeitos humanos. O traço do chargista é o traço característico das histórias em quadrinhos.

A análise também evidencia o potencial crítico da *charge*, fato que está tipicamente presente nesse gênero textual. Faz parte da função do chargista estabelecer pontos de diálogo entre o texto e a realidade concreta que vivemos no contexto social, a fim de conduzir o leitor a pensar sobre questões contemporâneas. O humor é provocado pelo efeito irônico produzido: ao invés de uma migração no sentido Nordeste-Sudeste visando à fuga da seca, é a seca do Sudeste que impele o deslocamento representado ou que funciona como pano de fundo para a situação representada. O sentimento de estranheza é produzido no leitor diante da confusão do menino: como as paisagens se igualaram devido à falta de água, o passageiro não sabe se já chegou ao Nordeste ou se continua em São Paulo.

Considerações finais

O conjunto coerente de signos compõe um texto, a partir do momento em que constitui uma unidade significativa que não só representa o mundo, mas também estabelece a interação social. Como argumentam Kress e van Leeuwen (1996), os textos multimodais requerem um aparato de análise que oportunize o letramento visual e, especialmente, a compreensão de como as estruturas da linguagem visual dialogam com os componentes verbais, formando uma unidade significativa articulada.

A interação social realizada nas situações de uso das linguagens estabelece um acontecimento em que produtores e leitores (ou ouvintes) significam textos, pessoas e práticas sociais, interagindo dialogicamente. Dessa forma, ao abordarmos textos que circulam socialmente, como a *charge* publicada em um jornal *online*, é possibilitado o reconhecimento de estruturas e construtos socioculturais, políticos e ideológicos que perpassam a constituição de discursos da atualidade.

Como é característica desse gênero textual, a *charge* analisada provoca no leitor a reflexão sobre aspectos ambientais, sociais, políticos e ideológicos, uma vez que, diante da seca, os dilemas e dramas vividos pelo Sudeste e pelo Nordeste tendem a se equiparar sob determinado ângulo. Trata-se da interpretação do chargista sobre um fato momentâneo da realidade social que, ao ser construído na linguagem verbo-visual e veiculado por um jornal em um *site*, conduz o leitor a interpretar e a refletir sobre o contexto social.

Por fim, mostram-se úteis à análise da *charge* as categorias que foram empregadas, a saber: contexto de situação e de cultura, critérios de textualidade, multimodalidade, saliência, processos narrativos e processos conceituais. Ao depreendermos os significados dos elementos verbo-visuais, construímos e interpretamos os sentidos do texto.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARROS, D. L. P de. Dialogismo e enunciação. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J.L. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Editora USP, 2003.

BARBISAN, L. Texto e contexto. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 53-62, 1995.

- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. V. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.
- BIDARRA, J.; REIS, L. da S. Gênero *charge*: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 150-168, jan./jun. 2013.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.
- COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERRAZ, M. M. S. *Curvas Perigosas: a representação da subjetividade nos cartuns de Maitena*. 2009. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- FISCHER, A. Letramento Acadêmico: uma perspectiva portuguesa. *Rev. Acta Scientiarum - Language and Culture*, Maringá, v. 30, n. 2, p. 177-187, jul./dez. 2008.
- HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, Context, and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____. *El lenguaje como semiótica social*. La interpretación social del lenguaje e del significado. Bogotá, Colômbia: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- KLEIMAN, A. B. *Leitura: Ensino e pesquisa*. São Paulo: Pontes, 2004.
- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KRESS, G; van LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.
- LIMA, M. L. C. A leitura como atividade interdisciplinar e a formação do professor. In: MATTE, A. C. F. (Org.). *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2007. p. 122-135.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

NEF. *Seca em São Paulo. charge* publicada em: 28 out. 2014. Disponível em: <http://www.jornaldebrasil.com.br/charges/229/falta-de-agua-em-sao-paulo/>. Acesso em: 01 nov. 2014.

PETERMANN, J. Imagens na publicidade: significações e persuasão. *UNIrevista*, São Leopoldo, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Petermann.PDF. Acesso em: 12 mar. 2015.

POSSENTI, S. Humor de circunstância. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 333-344, 2007.

_____. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

SEGATTO, L. S.; KNOLL, G. F. Análise dos recursos multimodais em texto publicitário impresso. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 66-83, jan./jun. 2013.

SOARES, M. *Letramento*. Um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

TEIXEIRA, M. C.; ANGELO, C. M. P. O gênero jornalístico *charge* no letramento escolar. *Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 12, n. 19, p. 89-107, dez. 2010.

Artigo recebido em: 01.05.2015

Artigo aceito em: 02.06.2015

Artigo publicado em: 28.07.2015